

A CRÍTICA DE ARTE: PRÁXIS SOCIAL

ART CRITICISM: PRACTICE SOCIAL

Adelcio Machado dos Santos¹

Felipe Felisbino²

Daniel Tenconi³

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo principal analisar a Crítica de Arte e a cultura como atividades e práticas sociais, de modo a buscar entender como a crítica de arte se configura como um julgamento estético e um conjunto de práticas que envolvem questões éticas, políticas e sociais. Trata-se de uma revisão bibliográfica fundamentada em pesquisas, correntes de estudos e teóricos das áreas da Educação, Psicologia, Ciências Sociais e Cultura Popular. Conforme discutido, a Crítica de Arte tem sido uma área de estudo que evoluiu significativamente ao longo dos séculos, adaptando-se às mudanças culturais, sociais e tecnológicas, de modo que suas principais teorias e abordagens moldaram a Crítica de Arte ao longo dos séculos com base em seus principais teóricos e nas suas respectivas contribuições para o campo. Assim concluiu-se a partir das reflexões teóricas que a Crítica de Arte pode influenciar percepções públicas e contribuir para a transformação social a partir também da interação entre cultura e sociedade, compreendendo a importância das práticas culturais na formação da identidade individual e coletiva e na promoção da coesão social.

Palavras-chave: crítica de arte; prática cultural; prática social.

¹Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Pós-Doutor pela UFSC. Docente, pesquisador e orientador no Programa de Pós-Graduação em Educação Básica da Universidade Alto Vale Rio do Peixe (Uniarp). Caçador. Santa Catarina. Brasil. E-mail: adelciomachado@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3916-972X>

²Mestre em Auditorias Ambientais pela Universidad Europea del Atlántico da Espanha. Professor e Conselheiro do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina. Caçador. Santa Catarina. Brasil. E-mail: felipefelisbino71@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4675-9273>.

³Mestre em Desenvolvimento e Sociedade pela Uniarp. Federação das Indústrias e Comércio de Santa Catarina. Caçador. Santa Catarina. Brasil. E-mail: daniel.tenconi@sesisc.org.br ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-0470-8044>

ABSTRACT

The main objective of this article is to analyze art criticism and culture as social activities and practices, in order to understand how art criticism is configured as an aesthetic judgment and a set of practices that involve ethical, political and social issues. This is a bibliographical review based on research, current studies and theorists from the fields of Education, Psychology, Social Sciences and Popular Culture. As discussed, art criticism has been an area of study that has evolved significantly over the centuries, adapting to cultural, social and technological changes, so that its main theories and approaches have shaped art criticism over the centuries based on its main theorists and their respective contributions to the field. Thus, it was concluded from the theoretical reflections that art criticism can influence public perceptions and contribute to social transformation also from the interaction between culture and society, understanding the importance of cultural practices in the formation of individual and collective identity and in promoting social cohesion.

Keywords: art criticism; cultural practice; social practice.

Artigo recebido em: 30/07/2024

Artigo aprovado em: 30/08/2024

Artigo publicado em: 24/10/2024

Doi: <https://doi.org/10.24302/prof.v11.5528>.

INTRODUÇÃO

A crítica de arte se configura em atividade intelectual e estética que se dedica à análise, interpretação e avaliação das obras de arte. Desde tempos remotos, críticos de arte desempenham um papel fundamental na mediação entre os artistas e o público, discutindo perspectivas que enriquecem a compreensão e a apreciação das criações artísticas. A crítica de arte ajuda a decodificar e contextualizar as obras e influencia tendências e movimentos artísticos, moldando o panorama cultural (Danto, 2006). Na sociedade contemporânea, onde a arte se manifesta de maneiras cada vez mais diversificadas e acessíveis, a crítica de arte se torna ainda mais relevante ao fornecer um discurso qualificado que valoriza o diálogo entre a obra, o artista e a comunidade.

A cultura, entendida como o conjunto de manifestações artísticas, intelectuais e sociais de um grupo ou sociedade, é uma expressão vital da identidade humana (Hall, 2005). Ela não só reflete os valores, crenças e experiências de um povo, mas também atua como um agente ativo na formação de consciências e na construção de significados. A cultura como prática social envolve a participação ativa das pessoas em processos criativos e interpretativos, promovendo a coesão social e a compreensão mútua.

Na contemporaneidade, onde as interações sociais são cada vez mais mediadas por tecnologias digitais e fluxos globais, a cultura se configura como um espaço de resistência, inovação e transformação social. Nesse contexto, a crítica de arte emerge como uma prática social que avalia a produção artística e dialoga com as dinâmicas culturais mais amplas, questionando e refletindo sobre as relações de poder, identidade e representação.

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo principal analisar a crítica de arte e a cultura como atividades e práticas sociais. Busca-se entender como a crítica de arte se configura como um julgamento estético e um conjunto de práticas que envolvem questões éticas, políticas e sociais. Além disso, pretende-se refletir sobre a cultura em sua dimensão de prática social, destacando como as expressões culturais são formas de interação e participação na vida coletiva através de uma abordagem teórica. Assim, o estudo visa contribuir para a compreensão do papel da crítica de arte e da cultura na sociedade contemporânea, enfatizando sua importância para a construção de uma esfera pública crítica e reflexiva.

CRÍTICA DE ARTE: HISTÓRICO, MOVIMENTOS E CORRENTES IDEOLÓGICAS

A crítica de arte tem suas raízes na antiguidade, mas foi no século XVIII que ela começou a se consolidar como uma prática distinta. Com o Iluminismo, surgiu uma nova forma de pensar e apreciar a arte, onde a crítica começou a ser vista como uma atividade intelectual importante (Argan, 1988). Denis Diderot (1713-1784) é considerado um dos primeiros críticos de arte na acepção moderna, escrevendo resenhas detalhadas sobre as exposições de arte em Paris, conhecidas como *Salons* (Barret, 2014).

No século XIX, a crítica de arte se expandiu com o surgimento de novos meios de comunicação, como jornais e revistas. Figuras como Charles Baudelaire (1821-1867) e John Ruskin (1819-1900) desempenharam papéis significativos, oferecendo análises profundas sobre as obras e os artistas de sua época. Baudelaire, por exemplo, é conhecido por sua defesa dos pintores modernos e sua visão crítica sobre a arte como um reflexo da sociedade (Baudelaire, 2006; Barret, 2014).

O século XX trouxe novas correntes e abordagens na crítica de arte. O formalismo, liderado por críticos como Clement Greenberg (1909-1994), enfatizou a importância da forma e da técnica sobre o conteúdo. Greenberg (1961) foi um defensor fervoroso do modernismo, particularmente do expressionismo abstrato, vendo nele uma pureza da forma artística.

No final do século XX e início do XXI, a crítica de arte se diversificou ainda mais, incorporando perspectivas feministas, pós-coloniais e de teoria *queer*. Críticos como Linda Nochlin (1931-2017) e Griselda Pollock (1949), trouxeram novas luzes sobre como o gênero e a identidade, influenciam a produção e a recepção da arte. Dentro desse processo, alguns movimentos e correntes teóricas construíram ao longo dos séculos a crítica de arte, sobretudo com uma forte influência do Iluminismo e do Formalismo (Pollock, 1988; Nochlin, 2019).

Argan (1988) e Gompertz (2013) contextualizam, historicamente, os movimentos e pensadores de forma linear. Denis Diderot é considerado um dos primeiros críticos de arte da idade moderna, escreveu resenhas detalhadas sobre as exposições de arte em Paris, conhecidos como *Salons*. No contexto do Romantismo, Charles Baudelaire destacou-se como crítico e poeta, escrevendo sobre a arte como um reflexo da sociedade e defendendo os pintores modernos. John Ruskin, durante a era vitoriana, foi conhecido por suas análises detalhadas da arte gótica e do Renascimento, defendendo a arte como uma expressão moral e espiritual. Clement Greenberg, um dos mais influentes críticos de arte do século XX, foi um grande defensor do expressionismo abstrato e do modernismo. Linda Nochlin, autora do famoso ensaio: *Por que não houve grandes mulheres artistas?* apresenta à tona questões de gênero na arte. Griselda Pollock, uma das principais teóricas feministas, analisa a interseção entre gênero, arte e poder.

O formalismo é uma corrente que enfatiza a análise da forma, estrutura e técnica da obra de arte, muitas vezes à custa do conteúdo ou contexto histórico (Madarasz, 2013). A iconografia e iconologia, desenvolvida por Erwin Panofsky, foca na interpretação de símbolos e temas dentro da arte, explorando o significado cultural e histórico. A psicanálise, aplicada à crítica de arte por figuras como Sigmund Freud e Carl Jung, explora os significados subconscientes e psicológicos das obras de arte. A teoria feminista examina como o gênero e o poder são representados na arte, e como as práticas artísticas refletem e desafiam as normas sociais de gênero (Cortez, 2011).

Para Aliaga (2010), as correntes teóricas modernistas e contemporâneas apresentam uma representação ontológica da estética com maior representação social e identidade cultural. A teoria pós-colonial analisa como a arte reflete e influencia as relações de poder e identidade em contextos coloniais e pós-coloniais, destacando a voz e a representação de culturas marginalizadas. Enquanto, a teoria *queer* explora como a arte aborda questões de identidade sexual e de gênero, desafiando as normas heteronormativas e binárias (Aliaga, 2010; Bacchetta; Falquet; Alárcon, 2011).

Na era da cibercultura esta função mediadora passa por transformações significativas. Com a proliferação de plataformas digitais, *blogs*, redes sociais e fóruns *online*, a crítica de arte torna-se mais acessível e democratizada. Conforme Arantes (2005), o crítico de arte não é mais o único mediador entre a obra e o público, qualquer pessoa com acesso à *internet* pode compartilhar suas opiniões e análises. Santaella (2000) afirma que a cibercultura proporciona novas formas de interação e diálogo entre críticos, artistas e o público em geral. Segundo Jenkins (2008), a cultura participativa, promovida pela *internet*, permite que fãs e consumidores de arte se tornem também produtores de conteúdo, contribuindo para a crítica de arte de maneira coletiva. Esse fenômeno modifica a dinâmica tradicional da crítica de arte, que era majoritariamente unidirecional.

Ademais disso, a cibercultura amplia o alcance da crítica de arte, permitindo que os debates sobre obras e movimentos artísticos se tornem globais. Em vez de serem limitados a círculos especializados, esses debates podem envolver uma audiência muito mais ampla e diversificada, o que tende a enriquecer a crítica de arte, trazendo múltiplas perspectivas e interpretações, mas também apresenta desafios, como a necessidade de discernir a qualidade e a validade das análises feitas por não-especialistas.

A relação entre crítica de arte, sociedade e cibercultura também envolve uma reconfiguração dos valores estéticos e culturais. O ambiente digital favorece a disseminação rápida e ampla de diferentes estilos artísticos e práticas culturais, possibilitando um maior pluralismo cultural. Como argumenta Castells (2003), a *internet* atua como uma rede de redes, conectando indivíduos e comunidades em escala global, o que pode resultar em uma maior diversidade e intercâmbio cultural.

Nesse sentido, esses movimentos estão atrelados a uma contextualização que emerge do cotidiano, das representações culturais e das simbologias sociais, principalmente no contexto de construção de um panorama pós-colonial.

TEORIAS E ABORDAGENS SOBRE A CRÍTICA DE ARTE

A crítica de arte tem sido uma área de estudo que evoluiu significativamente ao longo dos séculos, adaptando-se às mudanças culturais, sociais e tecnológicas. As suas principais teorias e abordagens moldaram a crítica de arte ao longo dos séculos, a partir dos seus principais teóricos e das suas respectivas contribuições para o campo.

O formalismo é uma das abordagens mais antigas e influentes na crítica de arte. Ele foca na análise dos elementos formais de uma obra de arte, como linha, cor, forma, textura e composição, desconsiderando contextos históricos e sociais. Clive Bell e Roger Fry são dois críticos proeminentes associados a essa abordagem. Clive Bell, em sua obra *Art*, escrita em 1914, argumenta que o valor estético de uma obra reside em sua "forma significativa", uma combinação de linhas, cores e formas que evocam uma resposta estética imediata no observador (Bell, 1914).

Em um contexto de abordagem que contextualiza o visual ao estado crítico da arte, Erwin Panofsky desenvolveu a iconologia, uma abordagem que interpreta o conteúdo simbólico das obras de arte. A iconografia, parte integrante desta abordagem, é o estudo dos temas e motivos visuais e seus significados. Na obra *Studies in Iconology*, escrita em 1939, Panofsky argumenta que a análise iconológica vai além da descrição de temas visuais, buscando compreender as intenções do artista e o contexto histórico (Panofsky, 1939).

Já a estética da recepção, proposta por Hans Robert Jauss, enfatiza o papel do espectador na interpretação da obra de arte. Segundo Jauss, a percepção da arte é moldada pelo horizonte de expectativas do público. Em *Toward an Aesthetic of Reception*, escrita por Jauss, em 1982, o autor sugere que o valor de uma obra de arte não é fixo, mas depende da interação entre a obra e a experiência do espectador (Jauss, 1982).

Mais a frente, surgiu a Teoria Crítica, desenvolvida pela Escola de *Frankfurt*, que passou a aplicar uma abordagem interdisciplinar à Crítica de Arte, considerando

fatores sociais, políticos e econômicos. Theodor Adorno e Walter Benjamin são figuras centrais nesta abordagem. Em 1970, na obra *Aesthetic Theory*, Adorno discute como a arte pode desafiar a sociedade capitalista, oferecendo uma forma de resistência contra a dominação cultural (Adorno, 1970).

No início do século XX, a crítica psicanalítica, influenciada por Sigmund Freud e Jacques Lacan, apresenta uma abordagem que interpreta a arte através da lente da psicanálise, explorando os desejos inconscientes e os traumas dos artistas. Em *Leonardo da Vinci and a Memory of His Childhood*, escrita em 1910, Freud analisa as obras de Leonardo à luz de sua teoria psicanalítica, sugerindo que a arte pode revelar os desejos e conflitos internos do artista (Freud, 1910).

De acordo com Chaves e Schneider (2014), a crítica de arte desempenha várias funções importantes e tem um impacto significativo no mundo da arte e na sociedade em geral. Ela atua como uma ponte entre o artista e o público, interpretando e contextualizando obras de arte para facilitar a compreensão e a apreciação. Segundo Terry Eagleton, a crítica pode democratizar a arte, tornando-a acessível a um público mais amplo (Eagleton, 1990). Os críticos de arte influenciam a percepção pública e o gosto artístico. Eles podem legitimar novas formas de arte e artistas emergentes, moldando o cânone artístico. Clement Greenberg, por exemplo, foi fundamental na valorização do expressionismo abstrato na década de 1950 (Greenberg, 1961).

Para Lippard (1976), a crítica de arte pode revelar e criticar estruturas de poder e desigualdades sociais. Lippard, uma crítica feminista, utiliza a Crítica de Arte para abordar questões de gênero e representação na arte. Essa observância da crítica, a partir do contexto de gênero, contextualiza uma forma que não ignora as questões sociais e identitárias, característico de movimento associado a uma estética pluralística em seu sentido representativo-social.

A crítica estimula o diálogo e a reflexão sobre a arte e a cultura. Ela incentiva os espectadores a pensarem criticamente sobre as obras de arte e suas implicações mais amplas. Rancière (2004), argumenta que a crítica pode provocar uma "partilha do

sensível", alterando a forma como percebemos e interagimos com o mundo. Ou seja, a Crítica de Arte reflete uma percepção de que ultrapassa o limite tradicional de conexão entre o ser e a arte, transparece sentidos e percepções físicas e sentimentais que melhor abordam o papel da arte como instrumento de construção da reflexão crítica, conforme argumenta Georg W. F. Hegel (2005) na sua compreensão fenomenológica do espírito e do homem.

INTERAÇÕES ENTRE CULTURA E SOCIEDADE: A CULTURA COMO PRÁTICA SOCIAL

A cultura pode ser entendida como um conjunto de práticas, crenças, símbolos e valores compartilhados por um grupo social. Segundo Williams (1983), a cultura é um modo de vida total de um povo. Isso implica que a cultura não é apenas uma coleção de artefatos ou expressões artísticas, mas envolve também comportamentos, costumes e práticas cotidianas.

Para Pierre Bourdieu (1984), em sua teoria da prática, argumenta que a cultura é um campo de luta simbólica onde os agentes sociais buscam distinção e reconhecimento. Bourdieu introduz o conceito de *habitus*, que se refere às disposições duráveis que orientam as práticas e percepções dos indivíduos (Bourdieu, 1984). Já Stuart Hall enfatiza a cultura como um processo contínuo de produção e negociação de significados, onde os indivíduos e grupos sociais constantemente interpretam e reinterpretam suas realidades (Hall, 1997).

As práticas culturais são manifestações tangíveis da cultura e refletem as normas, valores e crenças de uma sociedade. Elas incluem rituais, festivais, tradições e formas de expressão artística. Em diferentes contextos sociais, as práticas culturais podem variar significativamente, mas todas desempenham um papel crucial na manutenção da coesão social e na construção da identidade coletiva.

Pierre Bourdieu e Stuart Hall são dois teóricos fundamentais para a compreensão da cultura como prática social. Bourdieu, com seus conceitos de *habitus* e campo, oferece uma lente para entender como as práticas culturais são internalizadas e reproduzidas pelos indivíduos. Hall, por sua vez, contribui com a perspectiva de que a cultura é um espaço de contestação e negociação de significados, refletindo as relações de poder dentro da sociedade.

A cultura atua tanto como reflexo quanto como moldador dos valores sociais. Ela espelha as crenças e normas de uma sociedade, ao mesmo tempo em que influencia e transforma esses valores. Por exemplo, a arte e a mídia têm o poder de desafiar estereótipos e promover novas formas de pensar, moldando assim a percepção pública e os valores sociais. De acordo com Santos e Cristina (2019), os movimentos artísticos e sociais representam bem esse processo de interação, como o movimento modernista no início do século XX, que reflete as mudanças sociais e tecnológicas da época e molda novas formas de pensar sobre arte, arquitetura e *design*.

A música expressada como identidade social também reflete elementos de representatividade. Munanga (2004) exemplifica o movimento *hip-hop*, originado nas comunidades afro-americanas, não só reflete as lutas e aspirações dessas comunidades, mas também influencia globalmente a moda, a linguagem e a atitude juvenil. Jesus (2019), cita o carnaval como uma prática cultural profundamente enraizada na sociedade brasileira, refletindo a diversidade étnica e a história do país, que serve como um meio de expressão artística e social, onde questões de identidade, raça e classe são trazidas à tona.

Para Góes (2010), a cultura é um elemento aglutinador da crítica na própria arte por meio da formação da identidade individual e coletiva que oferece um senso de pertencimento e continuidade, essencial para a coesão social. Em sociedades diversas, as práticas culturais podem servir como pontos de encontro onde diferentes grupos podem negociar e celebrar suas identidades compartilhadas e distintas (Santos;

Cristina, 2019), por meio de festivais culturais e eventos comunitários que podem fortalecer os laços sociais e promover a inclusão e a compreensão intercultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, discutimos a Crítica de Arte e a cultura como atividades e práticas sociais, destacando sua importância e influência na sociedade contemporânea. Iniciamos com uma contextualização teórica, abordando a evolução histórica da Crítica de Arte e a definição de cultura como prática social. Utilizando os conceitos de teóricos como Pierre Bourdieu e Stuart Hall, discutimos como a cultura reflete e molda valores sociais, enfatizando a relação simbiótica entre cultura e sociedade.

Analizamos o papel contemporâneo do crítico de arte, destacando a influência dos meios de comunicação, especialmente das plataformas digitais, na difusão e democratização da Crítica de Arte. Abordamos também como a Crítica de Arte pode influenciar as percepções públicas e contribuir para a transformação social. No que concerne à interação entre cultura e sociedade, discuti-se sobre a importância das práticas culturais na formação da identidade individual e coletiva e na promoção da coesão social.

Refletindo sobre o futuro da Crítica de Arte e da cultura como práticas sociais, é evidente que ambas continuarão a desempenhar papéis fundamentais na sociedade. A Crítica de Arte, enquanto prática reflexiva e analítica, terá que se adaptar continuamente às mudanças nos meios de comunicação e às novas formas de expressão artística emergentes. Com a ascensão das plataformas digitais, a Crítica de Arte se torna cada vez mais acessível e participativa, permitindo que um público mais amplo se envolva no debate artístico.

A cultura, por sua vez, continua a ser um campo de contestação e negociação de significados, refletindo as dinâmicas sociais, políticas e econômicas. A globalização

e a digitalização intensifica as interações culturais, promovendo a diversidade e, ao mesmo tempo, desafiando a preservação das identidades culturais locais. A cultura terá um papel essencial na promoção da inclusão, da diversidade e da compreensão intercultural, fundamentais para a coesão social em um mundo cada vez mais conectado

Para futuras pesquisas, sugere-se uma investigação mais aprofundada sobre o impacto das novas mídias digitais na Crítica de Arte, explorando como plataformas como redes sociais, *blogs* e *vlogs* estão transformando a maneira como a arte é criticada e consumida. Estudos comparativos entre diferentes contextos culturais poderiam revelar como a Crítica de Arte varia em diversas culturas e o impacto disso na produção e recepção artística.

Existe também uma tendência de estudos sobre a análise das interações culturais em sociedades multiculturais, focando em como práticas culturais distintas podem coexistir e influenciar-se mutuamente, de modo a compreender como essas políticas culturais e suas implicações na preservação e promoção da diversidade cultural também aglutinam comunidades da globalização cultural.

Finalmente, pesquisas sobre a relação entre cultura e identidade em contextos de migração e diáspora poderiam oferecer percepções diferentes sobre como práticas culturais são preservadas, adaptadas e transformadas em novos ambientes sociais. Essas investigações podem contribuir para a elaboração de políticas e práticas que promovam a inclusão e a integração de comunidades migrantes, respeitando e valorizando suas identidades culturais.

Essas reflexões e sugestões para pesquisas futuras apontam para a contínua relevância e complexidade da Crítica de Arte e da cultura como práticas sociais, destacando a necessidade de um olhar atento e crítico sobre suas evoluções e impactos na sociedade contemporânea.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. **Aesthetic theory**. London: Routledge, 1970.
- ALIAGA, Huan Vicente. Relatos desconformes: teoria queer, política e arte em um mundo pós-colonial. **Revista Poiésis**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 15-24, jul. 2010.
- ARANTES, Priscila. **Arte e mídia: perspectivas da estética digital**. São Paulo: Serviço Nacional do Comércio, 2005.
- ARGAN, Giulio Carlo. **Arte e crítica de arte**. Tradução Helena Gubernatis. Lisboa: Editorial Estampa, 1988.
- BACCHETTA, Paola; FALQUET, Jules; ALARCÓN, Norma. (eds.). Théories féministes et queer décoloniales: interventions chicanas et latinas états-uniennes. **Journals Open Edition**, Paris, v. 18, p. 7-40, 2011.
- BARRET, Terry. **A crítica de arte: como entender o contemporâneo**. Porto Alegre: AMGH, 2014.
- BAUDELAIRE, Charles. **O pintor da vida moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BELL, Clive. **Art**. New York: Frederick A. Stokes, 1914.
- BOURDIEU, Pierre. **Distinction: a social critique of the judgement of taste**. Tradução Richard Nice. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.
- CHAVES, Priscila Monteiro; SCHNEIDER, Daniela da Cruz. Teoria crítica da sociedade e ensino da arte: os aspectos semiformativos da prática. *In: SEMINÁRIO NACIONAL DE ARTE E EDUCAÇÃO*, 24., 6 a 8 out. 2014, Montenegro. **Anais eletrônicos [...]**. Montenegro (RS): Fundação Municipal de Artes de Montenegro, 2014. p. 236-241. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/191/291>. Acesso em: 20 jul. 2024.
- CORTEZ, Cinara Monteiro. Formalismo x funcionalismo: abordagens excludentes? **PERcursos Linguísticos**, Vitória, v. 1, n. 1, p. 57-77, 2011.
- DANTO, Arthur C. **Após o fim da arte: a arte contemporânea e os limites da história**. São Paulo: Odysseus, 2006.

EAGLETON, Terry. **The ideology of the aesthetic**. Oxford: Blackwell, 1990.

FREUD, Sigmund. **Leonardo da Vinci and a memory of his childhood**. London: Routledge, 1910.

GÓES, Fred. A imagem do carnaval brasileiro: Do entrudo aos nossos dias. **Revista Textos do Brasil**, n. 15, p. 1-26, 2010. Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2010. (Festas Populares). Disponível em: https://www.universidadedasquebradas.pacc.ufrj.br/wp-content/uploads/2013/09/Pre-Leitura_A-IMAGEM-DO-CARNAVAL-BRASILEIRO.pdf. Acesso em: 20 jul. 2024.

GOMPERTZ, Will. **Isso é arte?** 150 anos de arte moderna do impressionismo até hoje. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

GREENBERG, Clement. **Art and culture: critical essays**. Boston: Beacon Press, 1961.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Representation: cultural representations and signifying practices**. London: Sage, 1997.

HEGEL, Georg Wilhelm Friederich. **Fenomenologia do espírito**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

JAUSS, Hans Robert. **Toward an aesthetic of reception**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1982.

JENKINS, Henry. **Convergence culture: where old and new media collide**. New York: New York University Press, 2008.

JESUS, Tiago Silva de Amorim. Carnaval brasileiro: expressão da cultura popular adaptando-se aos efeitos das tecnologias contemporâneas. **ARJ – Brasil**, v. 5, n. 2, p. 1-16, jul./dez. 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIPPARD, Lucy. **From the center: feminist essays on women's art**. New York: Dutton, 1976.

MADARASZ, Norman. Formalismo e subjetividade: o conceito de transformação. *In: SEMANA ACADÊMICA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL*, 12., Porto Alegre, 2013. **Anais** [...]. Porto Alegre: Edipucrs, 2013. v. 12, p. 1-15.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 2004.

NOCHLIN, Linda. **Por que não houve grandes mulheres artistas?** Rio de Janeiro: Zahar, 2019.

PANOFSKY, Erwin. **Studies in iconology**: humanistic themes in the art of the enaissance. New York: Oxford University Press, 1939.

POLLOCK, Griselda. **Vision and difference**: feminism, femininity and histories of art. Londres: Routledge, 1988.

RANCIÈRE, Jacques. **The politics of aesthetics**: the distribution of the sensible. London: Continuum, 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Da cultura das mídias à cibercultura**: o advento do pós-humano. São Paulo: 2003.

SANTOS, Adriana Carla dos; CRISTINA, Flávia. Práticas culturais e a expressão da questão social no ambiente escolar. **Revista Augustus**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, p. 49-60, out. 2019.

WILLIAMS, Raymond. **Keywords**: a vocabulary of culture and society. New York: Oxford University Press, 1983.